

DUAS “BRASILIANAS”



Marisa Midori Deaecto



Um livro raro tem personalidade. Uma obra, sua história.

RUBENS BORBA DE MORAES

Em *O Bibliófilo Aprendiz*, Rubens Borba de Moraes (1899-1983) sugere a existência de três tipos de bibliotecas particulares¹. Um primeiro tipo perfaz a coleção do estudante pouco afortunado, porém cioso de suas leituras. Esta biblioteca está longe de se inserir no mundo da bibliofilia, com seus códigos, segredos, circuitos e, logicamente, com seus compradores e vendedores astutos. Neste mundo se reconhece não raro o esforço do bibliófilo *nouveau-riche*, que comparece aos principais leilões, compra os livros mais caros do mercado e constitui, por esses meios, uma bela coleção de raridades, ou de curiosidades bibliográficas². Coleção que, por sua vez, se diferencia daquela formada por outra estirpe de bibliófilo, para quem o interesse pelo livro nasce de uma combinação feliz entre amor e erudição.

1. Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz*, São Paulo, CEN, 1975 [1ª ed. 1965].

2. “Para formar uma coleção homogênea sobre um assunto é preciso ciência, conhecer a vida do autor, saber quando, onde publicou seus livros. É preciso toda uma soma de conhecimentos, uma verdadeira erudição, às vezes. É aí que está a diferença entre o verdadeiro bibliófilo e o mero comprador de livros” (Rubens Borba de Moraes, *op. cit.*, p. 21).

Nesse caso, a escolha é determinada pelo campo de interesse e pelas possibilidades financeiras do colecionador. Se bem que, no fim das contas, como adverte o autor desse delicioso ensaio, “não há coleção tola ou ridícula quando feita com arte, gosto e conhecimento”³.

Deve-se, portanto, reconhecer como fruto do labor de toda uma vida dedicada à arte de conhecer e colecionar livros, os dois alentados volumes da *Bibliographia Brasiliana*, *chef-d’oeuvre* de Rubens Borba de Moraes que acaba de vir a lume em primeira edição brasileira, revista e aumentada, de acordo com as “instruções para uma improvável edição póstuma lá pelo ano de 2003”⁴, nas quais o autor anuncia, em tom irreverente, a necessidade de se consultar seu exemplar “anotado e ‘recheado’ de papeletas”. A “improvável edição póstuma” tardou a sair, mas certamente satisfaria as expectativas do autor, pelos acréscimos realizados, pela tradução eficiente e pela revisão zelosa. Outrossim, como todo amante do livro não se furta ao prazer da posse de um volume bem encadernado, com tipografia límpida e cuidadosa, não há dúvidas de que neste aspecto os volumes superam e muito a edição anterior – diga-se de passagem, muito bonita! Pois as primeiras edições da *Bibliographia Brasiliana*, vale ressaltar, saíram em inglês, a primeira em 1958, em Amsterdam, e uma segunda, em 1983, já com os referidos acréscimos, numa coedição realizada entre a Universidade da Califórnia e a Livraria Kosmos Editora.

São mais de dez mil títulos inventariados e trezentas ilustrações de folhas de rosto de

obras raras que enriquecem os volumes. Sobre os critérios de seleção dos títulos, adverte o bibliófilo em prefácio à segunda edição: “mantive, no entanto, o mesmo objetivo: descrever e comentar livros raros que enfocassem vários aspectos do Brasil, antes, ou imediatamente após a Independência, em 1822. Incorporei os verbetes de minha *Bibliografia Brasileira do Período Colonial* (São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969) e encurtei os comentários. Nesta edição revista, os verbetes relativos aos livros dos séculos XVI, XVII e XVIII tiveram maior destaque do que aqueles das obras publicadas no século XIX, época em que a produção foi intensificada⁵. Uma vez que os livros se tornaram mais acessíveis, as publicações desse último período deixaram de encaixar-se numa bibliografia sobre livros raros”⁶.

Tais critérios o conduziram, inclusive, à difícil tarefa de abrir mão de uma série de títulos que pudessem comprometer os objetivos da obra. Assim foram descartados *Os Sermões* e as *Cartas de Vieira*, cuja importância para o conhecimento da sociedade colonial brasileira parece fora de dúvida. Estes e outros tantos escritos da mesma natureza podem ser consultados, lembra o autor, no “volume I da notável *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do padre Serafim Leite”⁷. Da mesma maneira que foram excluídas, salvo algumas exceções louváveis, outras coleções que perfazem uma brasiliana ideal: a cartografia, a iconografia, o conjunto de leis e regimentos relativos ao período colonial. Por certo, um levantamento exaustivo destas referências, tarefa de toda

3. *Idem*, p. 13.

4. Rubens Borba de Moraes, *Bibliografia Brasiliana. Livros Raros sobre o Brasil Publicados desde 1504 até 1900 e Obras de Autores Brasileiros do Período Colonial*, trad. Jesualdo Correia, Cristina Antunes e Elisa Nazarian, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2010, 2 vols.

5. O que esteve longe de dirimir seu interesse pela produção oitocentista. Cf. Rubens Borba de Moraes & Ana Maria Camargo, *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro*, São Paulo, Edusp/Kosmos, 1993, 2 vols.

6. Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana*, p. 15.

7. *Idem*, p.16.

uma vida, senão mais, obrigaria nosso autor a abrir mão do tempo precioso que o levou a dar corpo à *Bibliographia Brasiliana*, com suas descrições precisas, suas ferramentas de busca acessíveis ao leitor... em um só termo, o principal guia de referência para estudiosos e curiosos da temática.

Note-se que, para além do caráter elucidativo da produção impressa sobre o Brasil, a obra diz muito sobre a produção ulterior de Rubens Borba de Moraes, como bibliófilo, certo, mas também no campo da história do livro e da biblioteconomia.

O gosto pela pesquisa que não raro aproxima a figura do bibliófilo à do historiador, tendência que se acentua dado o caráter ensaístico de seus escritos, bem ao sabor de sua geração⁸, confirma-se em *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. A epígrafe assinada por Lucien Febvre – “L’historien n’est pas celui qui sait. Il est celui qui cherche” (“O historiador não é aquele que sabe. É aquele que pesquisa”) – não deixa dúvidas sobre o novo sentido que se lhe conferem as andanças pelas bibliotecas e leilões do mundo: à coleção e ao inventário somam-se as reflexões sobre a natureza do livro e seus múltiplos significados para a formação da cultura brasileira. Dir-se-ia, à luz do historiador francês, que se trata de tomar o livro como um fermento das sociedades. Mais: o livro a serviço da História⁹. É o que se apreende da seguinte

8. Rubens Borba de Moraes foi desde jovem intelectual de vanguarda. Segundo José Mindlin, apenas não participou da Semana de 22 porque contraiu tifo. Mas atuou e militou, por assim dizer, ao lado de Mário de Andrade, entre outros modernistas, em prol do desenvolvimento cultural paulista. Exemplos concretos foram a criação do Departamento de Cultura e a Divisão de Bibliotecas. Dirigiu entre 1936 e 1942 nossa prestigiosa Biblioteca Mário de Andrade (cf. Rubens Borba de Moraes, *Domínio dos Séculos*, edição fac-similar, apresentação de José Mindlin, São Paulo, Imprensa Oficial, Oficina Rubens Borba de Moraes, 2001).

9. Do “Prefácio” de Lucien Febvre a “O Aparecimento do Livro, poderíamos chamá-lo, com uma pitada de

passagem: “os comentários foram escritos de modo a enfatizar a importância do livro citado em relação ao Brasil. Biografias curtas do autor ou impressor só aparecem quando assim o justifiquem as circunstâncias sob as quais o livro foi publicado. Um livro raro tem personalidade. Uma obra, sua história. Não se pode julgá-lo simplesmente em função de sua raridade; precisa também ser avaliado em função de seu conhecimento e pela medida com que satisfaz nossa curiosidade intelectual”.

Ao que conclui: “a história e a bibliografia de livros antigos estão tão intimamente entrelaçadas que, apesar dos meus esforços em sentido contrário, ocasionalmente me vi transpassando limites alheios”¹⁰.

Uma vez mais, talvez de forma inconsciente, o espírito de vanguarda aflora na pena do autor, ao se aperceber da invasão que o campo da bibliografia operava na disciplina histórica. Em uma época em que a História do Livro se afirma com vocação multidisciplinar, ou transdisciplinar¹¹, Rubens Borba de Moraes não teria nada a justificar aos leitores sobre esta possível transgressão. Onde o valor de suas reflexões e, uma vez mais, do livro que acaba de ser editado.

Uma síntese de tudo isso se vislumbra no já citado *O Bibliófilo Aprendiz, ou Prosa de um Velho Colecionador Para Ser Lida Por Quem Gosta de Livros, Mas Pode Também Servir de Pequeno Guia aos que Desejam Formar uma Coleção de Obras Raras Antigas ou Modernas*, este ensaio gostosamente escrito

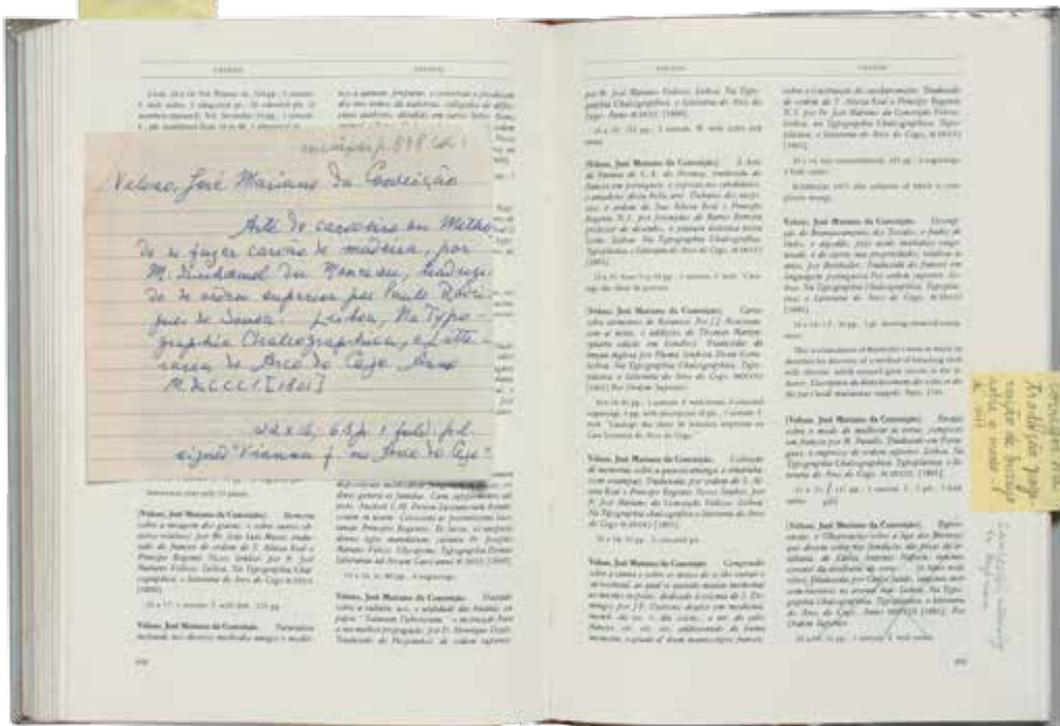
preciosismo, O LIVRO A SERVIÇO DA HISTÓRIA” (H.-J. Martin & L. Febvre, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo, Hucitec/Editora Unesp, 1992, p. 13).

10. Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana*, p. 17.

11. Cf. Aníbal Bragança, “A Constituição do Campo Interdisciplinar de Estudos do Livro e da História no Brasil (1900-2000)”, em Aníbal Bragança & Sonia Virgínia Moreira (orgs.), *Comunicação, Acontecimento e Memória*, São Paulo, Intercom, 2005, pp. 79-94.



A nova edição vem revista e ampliada de acordo com as "instruções" deixadas pelo autor em seu exemplar "anotado e recheado de papeletas".



para o deleite dos amantes e dos amadores. No livro o autor expõe algumas questões-chave da bibliofilia, desde a razão de ser do colecionador, passando por aspectos específicos do comércio de obras raras, o que elucida e muito as origens de outras brasileiras, como veremos mais adiante, até questões frequentes que movem os estudos bibliográficos. Dentre as muitas perguntas formuladas pelo autor, poder-se-ia destacar algumas das mais curiosas: quais as primeiras obras impressas nas províncias do Brasil, desde 1808, após a abertura da Imprensa Régia¹²; como avaliar o problema da encadernação no Brasil e os critérios artísticos de algumas encadernações imperiais?; qual o primeiro livro sobre o Brasil e os primeiros impressos brasileiros?; como distinguir uma Brasileira de uma Brasiliense?... Enfim, uma série de questões que foram sendo formuladas ao longo de sua longa carreira como colecionador, muitas das quais já figuram, ou foram respondidas na obra em análise.

A propósito do primeiro livro impresso sobre o Brasil, voltemos à *Bibliographia Brasiliana*. Trata-se de *Mundus Nouus, de Amerigo Vespucci* (reprodução literal da folha de rosto). Como escreve Rubens Borba

12. “Qual foi o primeiro livro impresso em Pernambuco, no Maranhão, no Pará, em São Paulo?” Nessa matéria, até mesmo um bibliófilo do porte de Rubens Borba de Moraes parece ter dúvidas quanto à possibilidade de chegar a uma resposta conclusiva. Há notícias sobre o primeiro livro e o primeiro folheto publicados em Salvador, em 1811, por obra do tipógrafo Silva Serva. Também foram conservados os primeiros frutos colhidos no Recife revolucionário de 1817. Mas sobre a longínqua e pacata São Paulo, o que dizer? Para o autor: “[...]o assunto dos primeiros livros (não jornais, cuja história é bem sabida) é um ‘sertão desconhecido, habitado por índios selvagens’ como diziam os mapas de São Paulo do tempo da Guerra do Paraguai” (Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz...*, p. 165). Em tempo: a difícil tarefa de elaboração de uma *Bibliografia Paulista* tem sido realizada, há alguns anos, por Aírtton Cavenaghi, historiador da Universidade de São Paulo.

de Moraes a certa altura de sua explanação: “Nenhum texto escrito por Vespúcio ou atribuído a ele foi impresso com tanta frequência quanto esta carta, dirigida a Pier Francesco de Medici, que descreve sua viagem à costa brasileira em 1501 e 1502” [...]”¹³.

Assim o autor discorre, em longo texto “recheado” de referências, sobre diversos aspectos da vida e obra de Vespúcio. Da descrição a um só tempo detalhada e objetiva do livro em análise, até informações atinentes à produção, circulação e recepção em diferentes contextos históricos, nenhuma informação lhe escapa, o que não deixa dúvidas sobre a erudição do autor, outrossim, sobre o caráter original de sua *Bibliographia Brasiliana*. A temática do primeiro livro sobre o Brasil será retomada em *Livros e Bibliotecas do Brasil Colonial*, mas sem a riqueza de detalhes daquela que foi a primeira incursão no tema.

Escusado dizer que *Bibliographia Brasiliana* formou toda uma geração de colecionadores, bibliotecários e bibliógrafos. O próprio termo “brasiliana”, tão popular entre nós devido a coleções de natureza vária¹⁴, concorreu para a disseminação de algo mais do que uma palavra, mas de uma ideia. Ou de uma palavra que nos remete diretamente à ideia de uma coleção de livros sobre o Brasil. Embora, nesse caso, Rubens Borba de Moraes tenha contribuído para a fixação de algo mais do que simples palavra ou ideia: trata-se de um conceito que se aplica a um critério de coleção bibliográfica. E, por extensão, à bibliofilia¹⁵.

13. Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana*, p. 453.

14. Por exemplo, o célebre projeto da Companhia Editora Nacional, dirigido por Fernando de Azevedo, em 1931, o qual perpassou várias gerações, até adentrar os anos de 1980, embora sem a mesma força dos primeiros tempos.

15. O conceito adquire novo estatuto nos dias atuais, quando a Universidade de São Paulo está em vias de concretizar materialmente sua *Biblioteca Brasiliana*,

Não foi outra a concepção que guiou a *Brasíliana Itaú*, cujo catálogo acaba de receber bela edição, ricamente ilustrada, sob a direção de Pedro Corrêa do Lago. É o que relata o diretor da edição: “[...] a *Bibliographia Brasíliana* de Rubens Borba de Moraes passou a ser referência básica sobre o assunto, tanto para os estudiosos do país como do resto do mundo, e tornou-se o incontornável guia de todos os colecionadores interessados pelo campo dos livros raros a respeito do Brasil publicados no exterior, – considerados por muitos a nata da bibliofilia brasileira, pois as primeiras edições de muitos dos textos mais importantes sobre o país escritos por estrangeiros cabem no conceito da *Brasíliana Clássica*. [...] Há cerca de dez anos, graças ao mesmo José Mindlin, iniciou-se uma cuidadosa tradução do monumento de Borba de Moraes, mas esta, infelizmente, ainda não foi concluída”¹⁶.

Quis o destino que as duas edições saíssem quase juntas! Enquanto a primeira surge com estatuto de obra de referência, como bem observa Pedro Corrêa do Lago, esta última busca documentar o acervo formado por Olavo Setúbal (1923-2008), empresário paulista cuja atuação na polí-

fruto da coleção Guita e José Mindlin, este parceiro de tantos anos de Rubens Borba de Moraes, guardiã, inclusive, da fortuna bibliográfica que conferiu corpo e alma a este vultoso projeto uspiano. Cumpre ressaltar que edições bibliográficas recentes confirmam o papel da Universidade de São Paulo no empenho de preservar a memória do livro por meio de coleções raras. É o que observamos nos seguintes catálogos: *Bibliotheca universitatis. Acervo Bibliográfico da Universidade de São Paulo. Séculos xv e xvi*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2000; *Biblioteca Universitatis. Acervo Bibliográfico da Universidade de São Paulo (Século xvii)*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2001, 2 vols.; *Ciência, História e Arte. Obras Raras e Especiais no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo*, organização de Nelsita Trimer, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2009.

16. Pedro Corrêa do Lago, *Brasíliana Itaú. Uma Grande Coleção Dedicada ao Brasil*, Rio de Janeiro, Capivara, 2010, p. 90.

tica e cultura nacionais dispensa maiores comentários. O que talvez se afigure como surpresa para o grande público é seu gosto pelos livros e toda a sorte de impressos relativos ao Brasil. Segundo Ruy Souza e Silva, um dos curadores da *Coleção Brasíliana Itaú*, o projeto nasceu tardiamente, em 1995, quando da aquisição do primeiro título, *Rerum Per Octennium in Brasilia* de Caspar Barlaeus, “publicado em 1647, livro grandioso que relata a administração do Príncipe Nassau no Nordeste”¹⁷. E, acrescentaria Rubens Borba de Moraes: “[...] devido à sua suntuosidade e inestimável valor documental, passou a ser muito procurada. Atualmente não é fácil encontrar um exemplar, e quando surge algum no mercado seu preço é muito alto”¹⁸.

O que dá bem a medida dos esforços despendidos pelo colecionador para realizar sua grande obra, em tempo tão exíguo! A posse das duas *Brasílianas*, aliás, permite ao leitor esse jogo prazeroso de consulta aos títulos em uma e noutra obra, lembrando sempre que, se a primeira se esmera na apresentação das edições – seria mais justo falar em estudo e análise dos livros – a segunda enche os olhos do observador ávido por belas fotografias de livros. O catálogo da *Brasíliana Itaú* nos oferece perto de setecentas páginas e 2500 imagens que são puro deleite!

Todos os méritos da edição, cumpre ressaltar, devem ser atribuídos a Pedro Corrêa do Lago, bibliófilo refinado, curador célebre, editor zeloso. De fato, ele não se descuidou da organização dos títulos, embora vez ou outra – aspecto surpreendente! – deixe-se deslumbrar na apresentação dos mesmos. O que bem se nota pelo uso hiperbólico de adjetivos na abertura de cada página.

17. Ruy Souza e Silva, “Um Homem Culto”, em Pedro Corrêa do Lago, *Brasíliana Itaú*, p. 9.

18. Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasíliana*, p. 111.



Passemos em revista a estrutura da *Brasiliana Itaú*.

Como esclarece o organizador em passagem já citada, a obra-matriz é a *Brasiliana* de Rubens Borba de Moraes. Ali estão o modelo e o conceito que servem de paradigma para o colecionador. Todavia, como bem advertira nosso bibliófilo, uma biblioteca, assim como qualquer outro tipo de coleção, resulta de uma série de fatores, os quais vão desde as condições socioeconômicas que guiam a natureza e os limites (ou não) de um acervo, até aqueles outros fatores difíceis de mensurar, os quais poderíamos chamar simplesmente de “condições do meio” ou “espírito” do colecionador, na falta de termo mais preciso. Destarte, se a coleção se ressentir da falta de uma ou outra edição, se deixa de perfazer uma “Brasiliana Ideal”, estas são questões de somenos. Interessa relevar o quanto o colecionador se deixou conduzir para novos domínios, tocando, desse modo, o universo das Artes Visuais, da Tipografia, dos Livros-Objetos, dos Manuscritos (antigos e contemporâneos) e da Literatura. Uma *Brasiliana*, portanto, que expandiu suas fronteiras para a arte, a téc-

nica e a política do século XVI ao século XX. Diante desse quadro vastíssimo, ela se orienta a partir das seguintes seções:

Obras de Arte

1. Quadros a óleo
2. Aquarelas e desenhos
3. Objetos de arte
4. Gravuras individuais

Livros e Impressos

1. *Brasiliana Clássica*
 - A. Livros sobre o Brasil
 - B. Álbuns iconográficos impressos na Europa
 - C. Álbuns da fauna e da flora
 - D. Livros ilustrados da América Latina
2. *Tipografia no Brasil – A impressão de livros, periódicos e gravuras no século XIX*
 - A. Desenvolvimento da tipografia no Brasil
 - B. Álbuns iconográficos impressos no Brasil
 - C. Jornais e revistas do século XIX
3. *Literatura Brasileira*
 - A. Literatura colonial setecentista
 - B. Literatura do século XIX
 - C. Literatura do século XX
4. *Livros de artista*
5. *Encadernação no Brasil*
6. *Legislação, decretos e formação territorial*
7. *Livros portugueses*

Documentos Manuscritos

1. Governantes do Brasil
2. Grandes figuras do Brasil
3. Manuscritos literários
4. Santos Dumont
5. Escravidão

Cartografia

Grande Atlas Blaeu

Cartografia brasileira impressa

Economia e Finanças

Paulistana

À primeira vista essas divisões e subdivisões parecem mais confundir o leitor do que situá-lo no mar de referências que são os catálogos bibliográficos. No entanto, à



medida que avançamos e nos permitimos guiar pelo prazer da viagem, a navegação se torna fácil. Fica sempre aquela impressão de ter faltado algum livro na “Brasiliana Clássica”, até o momento em que nos deparamos com ele numa “Paulistana” ou, mesmo, na rica coleção iconográfica. É que, como explica o organizador, às vezes um livro se notabiliza por sua encadernação, ou por sua riqueza tipográfica. Noutras são as pranchas artisticamente ilustradas que lhes conferem valor. Outras edições são simplesmente valiosas por seus autores, por seus tipógrafos, ou, enfim, por elementos de natureza diversa (dir-se-ia, o imponderável!): um erro tipográfico, um autógrafo, uma marca... *va savoir!*

Como não se deixar render, por exemplo, pela bela galeria de livros infantis e juvenis, com todas aquelas capas coloridas das primeiras edições de Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Viriato Corrêa... ou por nossos ilustradores brasileiros, Di Cavalcanti, Goeldi, Portinari, Tarsila... ou por aque-

las maravilhas editadas pelos Cem Bibliófilos? A série de manuscritos dos estadistas remonta ao pergaminho raro de D. Manuel, o Venturoso, de 1498, atingindo a memória ainda fresca do leitor desavisado que se emociona ao ler “o único decreto assinado por Tancredo como Presidente”. Como o colecionador terá conseguido esta raridade? O que dizer da Coleção Santos Dumont, este célebre brasileiro que conquistou toda Paris – e o mundo – com seus aeroplanos fantásticos? Impossível não pensar naquele mesmo Santos Dumont – figura humana, apaixonada e apaixonante – resgatado na pena de Dona Yolanda Penteado em *Tudo em Cor de Rosa*¹⁹.

Igualmente original é a seção voltada para “Economia e Finanças”. Surge, então, inserida sob esta rubrica a primeira tradução de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, assinada por Bento da Silva Lisboa, filho do Visconde

19. Yolanda Penteado, *Tudo em Cor de Rosa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.



de Cairu [Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1811]²⁰. Contudo, para Pedro Corrêa do Lago, “o documento que avulta, sem dúvida, como o mais importante é aquele assinado por D. João VI [sic] em 1810, que autoriza o Conde de Palmela a inaugurar a dívida externa brasileira, ordenando-o que contrate com ‘quaisquer capitalistas’ na praça de Londres um empréstimo de quatrocentas mil libras para o ‘Estado do Brasil’ ”²¹.

20. Lembremos que estas edições são valiosíssimas ao historiador do livro que busca nas edições do Oitocentos compreender as raízes do pensamento liberal brasileiro. A propósito de outra tradução realizada de um texto de Adam Smith, na mesma época, agora, pelo próprio Visconde de Cairu, temos a seguinte notícia: “tendo o original e a tradução de José da Silva Lisboa, vemos que importava ao tradutor apoiar-se na autoridade de Adam Smith, mas transferindo o problema da instrução de ‘all inferior ranks of people’ numa monarquia constitucional [...] para a questão menos perigosa da instrução do ‘povo’ em geral nos quadros do Antigo Regime. A autora analisa, em detalhe, as traições cometidas pelo tradutor do texto de Adam Smith” (Maria Beatriz Nizza da Silva, “Transmissão, Conservação e Difusão da Cultura no Rio de Janeiro (1808-1821)”, *Revista de História*, 1974, n. 97, p. 139).

21. Pedro Corrêa do Lago, *Brasiliana Itaú*, p. 613.

Bela coleção que se ressentia, todavia, da ausência de teóricos e críticos da Economia Política, dentre eles, Karl Marx (1818-1883), segundo Olavo Setúbal, um dos “principais fundadores do pensamento contemporâneo”. Mas o colecionador não teria razões para se ressentir da ausência das obras de Marx e de tantas outras edições marxistas, brasileiras e estrangeiras, como veremos mais adiante.

O socialismo se apresenta, aliás, como verdadeiro tabu no campo dos estudos bibliográficos e, particularmente, da bibliofilia. Fato que nos leva a insistir um pouco mais sobre a personalidade de Olavo Setúbal. Revelam-se como traços mais marcantes do criador da *Brasiliana Itaú* a pertinácia e a curiosidade, pelo menos é o que se conclui do breve esboço escrito por seu companheiro de longa data e de outras coleções, Ruy Souza e Silva. O autor lembra, ainda, um detalhe pitoresco, que vem bem a calhar neste encontro fortuito entre homens e livros: “Lembro-me também que uma vez me disse: ‘Eu só consegui entender o capitalismo

depois de ter lido o *Manifesto Comunista* de Marx'. Aliás, continuava ele, 'existiram três pessoas, curiosamente, todos de origem judaica, que foram os principais fundadores do pensamento contemporâneo: Marx na economia, Freud na mente humana e Einstein na Ciência' ”²².

Se o marxismo, ou socialismo, não se fez presente em seu horizonte de expectativas, o que, com efeito, soaria estranho para a figura de um banqueiro, deve-se a Olavo Setúbal, todavia, a manutenção de importante acervo bibliográfico e documental coligido ao longo de toda uma vida por um comunista histórico, professor da Universidade de São Paulo, historiador: Edgard Carone (1923-2003)²³. Ocorre que

após seu falecimento os herdeiros hesitavam entre vender a fortuna bibliográfica deixada pelo pai a um alfarrabista paulista, o que significaria sua dilapidação imediata, ou a uma universidade. A segunda opção se tornou possível após longo périplo e foi, com efeito, realizada por iniciativa do Museu Paulista (USP), instituição beneficiada pelo Banco Itaú, que arrematara a Biblioteca Edgard Carone para este fim. Ironias da História? Por detrás de uma *Brasiliiana Itaú*, guarda-se em Itu, no Museu Republicano, outra biblioteca não menos notável, toda ela voltada para a compreensão do movimento operário no Brasil e no mundo. Logo se vê que os livros têm lá os seus mistérios insondáveis.

22. Ruy Souza e Silva, “Um Homem Culto”, *Brasiliiana Itaú*, p. 9.

23. Cf. Edgard Carone, *Leituras Marxistas e Outros Estudos*, org. por Marisa Midori Deaecto & Lincoln Secco, São Paulo, Xamã, 2004.

4-20 Outlined commercial gothic. This type of outlined "gothic" letter has been considered only as a single-stroke letter. For sizes larger than, say 5 or 6 in., the lighter face letters are drawn in outline and filled in solid. For smaller sizes this letter is suitable at a greater distance than any other style of letter. It is not to be used in any place where legibility is a normal requirement. The stems may be drawn to one-fifth of the height, and much care exercised in keeping them uniform in width throughout the letter. In making a pencil drawing, the outside of the ink line on the pen side should be otherwise the letter will be heavier than intended.



FIG. 4-42.

Make two sketches of any of the letters, showing the general order and direction of penciling. The construction of the letters is similar to the single-stroke analysis, as shown in the examples of Fig. 4-43. Free ends, such



as on C, G, and S, should be drawn directly to the stem. The stiffness of plain letters is sometimes corrected by drawing the ends with a slight spur, as in Fig. 4-44. The complete alphabet in outline, with stems one-sixth



FIG. 4-44—Compressed commercial gothic.

of the height, is given in Fig. 4-45. The same scale of widths may be used for drawing lighter face letters. Figure 4-44 illustrates a commercial gothic alphabet compressed to two-thirds the normal width. In this figure the stems are drawn one-seventh of the height, and the scale is given in sixths, as in Fig. 4-45.